Google 翻譯 葡萄牙文 - 未偵測到 → 英文 | 翻譯文本 | 關閉

The campaign for union rights at the Jassic factory

Leave a Comment / Mundo / By mainsteadmin

Jenny Chan*

On July 27, 2018, 30 protesters from Shenzhen, including 29 workers from the company Jassic Technology and a university student, were arrested by the police. Shen Mengyu, the recent college graduate who stood in solidarity with workers at the protest, has since been completely isolated from the media. Recently, the siege tightened around the *Dagongzhe Zhongxin*, which literally means Migrant Workers Center, an entity that has provided free legal services and other assistance to Chinese migrant workers in the industrial cities of Shenzhen since 2006 [1]. His team, it is alleged, was linked to the protest. According to the state press, the fundamental conflict occurred due to the "illegal and violent actions" of the dismissed workers at Jassic[2]; and at the instigation of an "unregistered illegal organization" [3]. Contrary to these assertions by the Chinese government, we argue that the core problem was the flagrant violations of workers' rights and interests, both by Jassic's employer and by the government – including the country's only official union federation, the Federation of Unions of China, China (FSC).

In early May, several Jassic workers reported to a labor affairs agency the company's arbitrary imposition of punitive fines and irregular work shifts, as well as incomplete housing fund payments. [4] Faced with this situation, some district union leaders advised safeguarding in accordance with the law. According to Chinese trade union law, all types of companies with 25 employees or more must have "entry-level union committees" on the factory floor (Article 10). A union of companies must be approved by the union of the level immediately above (Article 11).

Um dos principais objetivos sociopolíticos da FSC é impedir o desenvolvimento de sindicatos independentes fora do regime unipartidário. Apesar do salto do sindicato chinês desde os anos 1990, quando as greves e protestos operários estavam disperses, mas cresciam por todo o país, apenas 33% dos 460.000 empresas de capital estrangeiro, e menos de 20% das empresas privadas tinham criado sindicatos até meados de 2005.[5] Com a intensificação da organização das diligentes dos sindicatos provincias, Guangdong pretendia "ver sindicatos em 100% das empresas de investimento estrangeiro" até o final de 2006, e "em todas as empresas financiadas pelas 500 maiores multinacionais do mundo", até 2007.[6] Em dezembro de 2010, "foram estabelecidos sindicatos em 92% das empresas da fortune 500 que operam na China", incluindo gigantes como a Foxconn e a Walmart.[7] Até o final de 2016, havia 2,8 milhões de sindicatos em empresas com mais de 302 milhões de filiados em todo o país, tornando a China o maior forço de trabalho sindicalizada do mundo.[8]

Organização sindical na Jassic

A Jassic Technology Company, fundada em 2005 e listada na Bolsa de Valores de Shenzhen em 2011, é bem conhecida como especialista na indústria de soldagem e uma das 500 principais empresas de Guangdong.[9] Não menos conhecido é que a Jassic não chegou a estabelecer um sindicato desde a sua abertura, há 14 anos. Tudo indica que a gerência da Jassic há muito evita suas responsabilidade de facilitar aos trabalhadores de participarem de consultas coletivas sobre questões de salários, horário de trabalho, saúde e benefícios sociais. Apenas em maio de 2019 a empresa afirmou que corregiu o "estabelecer um sindicato de maneira ordenada". Devia que essa guinada foi uma resposta estratégica aos desafios trabalhistas, sem precedentes, vindos da base.

As lideranças dos trabalhadores da Jassic, com apoio e confiança das colegas de trabalho, sem tardar juntaram 89 assinaturas, em uma tabela de 1.000 funcionários, para o pedido de associação ao sindicato. Nesta altura, as autoridades retiraram seu "apoio verbal" inicial à sindicalização dos trabalhadores. Em lugar disso, reconheceram apenas a iniciativa da gerência, que também apresentou sua intenção de "estabelecer um sindicato de acordo com a lei". A relação entre a gerência da Jassic e o governo não poderia ser mais próxima, como revelou o duro tuta operária por direitos sindicais na fábrica.

Reprimindo as iniciativas dos trabalhadores, no início de agosto de 2019, a Jassic assumiu o controle total da organização sindical. Os candidatos nomeados pelos operários foram todos excluídos da nova sindicato. Os trabalhadores, neste caso, não ganharam nenhuma concessão sobre seus salários e benefícios sociais. Por ainda, acusados de "ter sindicalizar illegitimate", os organizadores acabaram demitidos e agredidos por agentes de segurança da empresa e pela polícia local. Yu Juncong, Liu Penghui, Mi Jiuping e Li Zhen foram acusados pelo crime de "criar uma agitamação para perturbar a ordem social". Seus familiares e o advogado que os representa sofreram repetidas ameaças.

Tim Pringle, ao avaliar o futuro das reformas sindicais chinesas à luz da crescente agitação dos trabalhadores, enfatiza a necessidade não apenas de "dirigentes e presidentes de sindicatos que respondam mais à base", mas também de "mais relações de opoio, mais interativas e, às vezes, executivas entre a cúpula das centrais sindicais e os dirigentes de base".[10] Motivaí por sua ausência, Wang Dongming, presidente da Federação Sindical Chinesa, o partido vem de Pequim, efetivamente endossou a perseguição e a retaliação da Jassic contra seus funcionários, em particular os que lutaram pela criação de um sindicato representativo.

Relações de Trabalho Conteniosas

A luta trabalhista pelos direitos econômicos e políticos (*weiquan*, por exemplo, eleições sindicais), vem atraindo cada vez mais atenção do governo. Sob o presidente Xi Jinping, o Estado continua buscando mecanismos para resolver conflitos trabalhistas e administrar o descontentamento social. Diversas vezes, protestos de trabalhadores que chamam atenção do público são resolvidas através da mediação direta do governo para restaurar o "harmonia social". De fato, as autoridades desenvolveram uma ampla variedade de técnicas de "absorção de protestos", para resolver disputas trabalhistas no próprio local de trabalho. Isso inclui redução e expectativa "realista" de reivindicações por compensações, pressionar a gerência a fazer algumas concessões econômicas aos trabalhadores adversamente afetados, e, ao mesmo tempo, manipular as relações familiares e sociais dos trabalhadores para silenciar a resistência. A solidariedade dos trabalhadores, com frequência, dissipa-se quando os líderes são intimidados, presos ou comprados.[11]

Após as greves, funcionários e executivos corporativos desenvolveram, em conjunto, ferramentas multifacetadas para monitorar as condições de trabalho, ou apenas para reprimir. Exemplo bem documentado ocorreu em uma montadora da Honda, no qual Kong Xiangfong, vice-presidente da Federação dos Sindicatos de Guangdong, pessoalmente presidiu a eleição dos representantes sindicais de chão de fábrica em 2010 e a convenção coletiva sobre os salários, em 2011. Muitos trabalhadores ficaram frustrados, no entanto, quando o desmanotiado presidente do sindicato da fábrica permaneceu em seu lugar em um sindicato apenas em parte reformado, que incluí dois vice-presidentes "eleitos", que são gerentes do alto escalão, refletindo o contínuo controle gerencial. Além disso, embora a empresa tenha sido forçada a ceder na importante questão dos salários, sob pressão do sindicato provincial, em nome da restruturação da "pós industrial", ela foi capaz de ignorar todas as outras centro e tantas reivindicações dos trabalhadores, incluindo direitos das mulheres e melhorias nos benefícios sociais (entre elas, licença maternidade remunerada, e intervalo de uma hora para a refeição). Como consequência, o comitê sindical perdeu prestígio entre os trabalhadores da base.[12]

Ao "comprar estabilidade", distribuindo "pagamentos em dinheiro ou outros benefícios materiais em troca de conformidade", o governo minou uma reforma mais ampla, assim como o crescimento da mobilização dos trabalhadores que buscavam influenciar as políticas públicas.[13]. Ao mesmo tempo, intensa coerção foi usada pelo Estado em disputas trabalhistas e agitação social. A intervenção de cima para baixo nos sistemas de litígio e arbitragem é lugar comum. In fact, of con con ações coletivas, os juízes insistem em registar os casos individualmente para fragmentar e isolar os autores das queixas.[14]

O uso extensivo, pelas autoridades chinesas, de seu poder discricionário para resolver grandes crises laborais, em vez de permitir que trabalhadores exercam direitos fundamentais à liberdade de associação, pode provar-se invável enquanto estratégia política de longo prazo, sobretudo quando os direitos e interesses básicos dos trabalhadores são violados de forma rotineira.

Aliança Operário-Estudantil

Durante o final do século XIX e início do século XX, estudantes e intelectuais tiveram um papel crítico no surgimento do movimento operário chinês. Hoje, em uma economia profundamente mercantilizada sob os auspícios do partido-Estado, os estudantes universitários e trabalhadores envolvidos na mobilização da Jassic também revelam elevada consciência social.

A partir de julho de 2019, acadêmicos,[15] e ativistas, em uma ampla coalizão de organizações por direitos trabalhistas,[16] peticionaram on-line o governo chinês pela soltura dos trabalhadores detidos da Jassic e seus apoiadores. Também observa-se concretamente, entre os estudantes da China continental, o surgimento de uma rede dinâmica, envolvendo mais de 20 universidades, em apoio aos trabalhadores da Jassic e seus familiares. O chamado Grupo de Apoio aos Trabalhadores da Jassic criou uma conta de e-mail (*jiashishengyuanluangs@gmail.com*), uma plataforma de mídia social (*twitter.com/jassicworkers*) e um site (*jiashigongzuofaluo.fr*) para mobilizar o apoio público, enquanto lutavam contra a censura e a vigilância na internet. Em uma foto, 43 jovens estudantes e recém-formados usam camisetas brancas com o slogan "A união faz a força" em vermelho.

Através da educação experiencial e em projetos de pesquisa social participativa, cada vez mais estudantes universitários passaram a conviver com trabalhadores mal remunerados da limpeza e das cantinas dos campi; operários da construção civil e mineiros com pneumoconiose fatal; camponeses despejados que perdem suas casas e terras e migrantes rurais que vivem nos margens das sociedades chinesas. Em um período de tempo, a aliança operária-estudantil pode ser um processo transnacional por detrás da produção da iPhone.[17] Outros uniram-se para lançar um blog no estilo da campanha #MeToo, para apoiar vítimas de assédio sexual e outras formas de violência de gênero, na universidade e na sociedade em geral. Apesar das origens sociaeconômicas diversas, os estudantes ativistas reunirsam-se para refletir sobre as fontes das persistentes desigualdades e injustiças. Eles aspiram à igualdade, amor e liberdade. Leem e debatem as obras clássicas de Karl Marx, Vladimir Lênin, Mao Tsé-Tung e Liu Xiun, entre muitos outros.

Yue Xin, 23, recém-formada na Universidade de Pequim em línguas estrangeiras, acabou desaparecida após a batida policial. Não há nenhuma notícia disponível sobre seu paradeiro até o momento.

Li Tong, cursando o último ano da faculdade e membro da Sociedade Marxista da Universidade de Nanquim, está em prisão domiciliar.

Hu Hanghai, cursando o último ano da faculdade de jornalismo e membro da Sociedade Marxista da Universidade de Nanquim ficou em prisão domiciliar por 48 dias. Acabou solta, por sorte, em 11 de outubro, mas continuou monitorado de perto pela polícia. Mesmo sob grande pressão dos pais e de superiores da universidade, ela persiste, proclamando, "emitir calor e luz, como um vaga-lume, que brilha na escuro".

Até agora, apoiadores tais como Su Jiayue (formado pela Universidade de Pequim), Zhang Shengye (formado pela Universidade de Pequim), Wu Jiawei (diplomado pela Universidade Renmin), Xu Zhongfang (da Universidade de Ciência e Tecnologia de Pequim), Yang Shaoqing (Universidade de Ciência e Tecnologia de Pequim), e outros não nomeados, foram detidos ou colocados em prisão domiciliar pelas "equipes dirigentes de administração social" ofigidas por autoridades em diferentes níveis.

Estudantes que foram "soltos" testemunharam ameaças de investigações e ações disciplinares, caso não abandonassem suas atividades. Suas liberdades, incluindo o uso do aplicativo de mensagens chinês WeChat e outras ferramentas de comunicação, foram significativamente restringidas.

O etapue da Organização Estudantis

Ao iniciar um novo semestre acadêmico em setembro, as autoridades da universidade analisaram os registros, composição e objetivos organizacionais das sociedades marxistas e grupos de estudos maoístas da Universidade de Pequim, Universidade de Ciência e Tecnologia de Pequim, Universidade Renmin e Universidade de Nanquim, para citar apenas algumas. A ampla varredura nas associações estudantis de esquerda mostra a intolerância das autoridades com a nascente aliança operário-estudantil, uma inegável força de mudança social progressista.[18]

Qimin Xuesha, um grupo de estudos marxista existente há seis anos na Universidade de Ciência e Tecnologia de Pequim, estava prestes a fechar permanentemente a partir de 12 de outubro de 2019. A militância estudantil foi pressionada pelo comitê do partido na universidade a encerrar suas atividades. O resultado, no entanto, não será um silêncio mortal. Cerrando os punhos, um ativista estudantil garantiu que "o corpo" de sua organização poderia ser destruído pelo cassação de registro nas mãos das burocratas da universidade, sob as recém-criadas "Regras de Administração das Sociedades Estudantis". Mas "o espírito" da busca por justiça social pelo grupo estudantil não morrerá.

Repensando o Trabalho e os Sindicatos

"Realize o grande Sonho Chinês, construa uma sociedade harmônica", entoa um slogan do governo. A definição desse sonho e a determinação de quem pode reivindicá-lo são contestáveis. A evolução da consciência e das práxis dos trabalhadores chineses, com a crescente apoio dos estudantes, acadêmicos e ativistas por direitos trabalhistas no país e no exterior, são centrais para mapear o futuro da China em uma economia globalizante.

Os trabalhadores da Jassic enfrentaram todas as adversidades no tuta por dignidade e direitos políticos. Eles inspiraram seus colegas e jovens estudantes a realizar ações em comum. Em 20 de outubro, a Escola de Relações Industriais e Trabalhistas (ILR, na sigla em inglês), da Universidade Cornell, suspendeu um programa de intercâmbio de longa duração com a Universidade Renmin, sediada em Pequim, para manifestar seu profundo preocupação com a flagrante repressão da administração chinesa contra a participação dos estudantes nas campanhas de apoio aos trabalhadores da Jassic. De outras lutas trabalhistas e sociais, durante o verão de 2019, A punição severa aos estudantes perseguidos pela Universidade Renmin por um Estado dedicado por estabelecer "representa, na prática, violações bem graves da liberdade acadêmica", nas palavras de Eli Friedman, diretor de programas internacionais da ILR.[19]

Sem uma liderança sindical efetiva, os trabalhadores da Jassic e de outras empresas são obrigados a depender apenas de seus próprios esforços para lutar por compensações e benefícios econômicos, muitos dos quais estipulados em lei. São enormes as discrepâncias entre os direitos prometidos na legislação e os garantidos na prática. Os desafios do movimento trabalhista, que incluem a reconstrução e revitalização dos sindicatos de base, inevitavelmente enfrentarão uma mistura de táticas em todas as frentes envolvendo reconciliação e repressão, gerando incertezas e instabilidade.

---

* Jenny Chang é professora assistente no Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Politécnica de Hong Kong. Ela também é vice-presidente do comitê de pesquisa sobre movimentos trabalhistas na Associação Internacional de Sociologia. Seu livro, Dying for an iPhone, Apple, Foxconn and the Lives of Workers (Pluto 2020), escrito com Mark Selden e Pun Ngai, baseia-se em pesquisa de campo realizada por mim na fábrica clandestina em fábricas chinesas. A versão original desse texto, em inglês, esta disponível em: Jassic Workers Fight for Union Rights", New Politics, Inverno de 2019, Vol. XVII, No. 2.

---

[1] O centro Dagongzhe Zhongxin colaborá há muito tempo com o Worker Empowerment, um grupo não-governamental de direitos trabalhistas de Hong Kong. Veja "Statement from Worker Empowerment", 2018. Ver também a declaração conjunta do Centro de Trabalhadores de Shenzhen Dagongzhe e do Worker Empowerment, intitulada "Liberte Fu Changguo Agora!", 2018. Para mais discussões, ver Tim Pringle e Anita Chan, "China's Labour Relations Have Entered a Dangerous New Phase, as Shown by Attacks on Jassic Workers and Activists", 2018, Elaine Hui e Eli Friedman, "The Communist Party vs. China's Labor Law", 2018, uma série de artigos sobre "The Jassic Workers' Struggle in China" na revista Labour Notes, 2018.

[2] Xinhua, "Investigation on So-called Worker Incidents in Shenzhen", 2018.

[3] Zhao Yusha, "Chinese Workers Warned Against Foreign-funded Advocacy Groups", 2018.

[4] Desde 1º de julho de 2011, de acordo com a lei de Seguridade Social da China, os trabalhadores têm direto legal a cinco tipos de seguros (médico, acidente de trabalho, aposentadoria, maternidade e desemprego) e a um fundo habitacional (feito para garantir que os trabalhadores poupem para comprar uma casa).

[5] Federação de Sindicatos da China, "ACFTU Marks 80th Anniversary", 2005.

[6] Zhan Lisheng, "Guangzhou: Hotbed for Rise of Unions Trade", 2006.

[7] Mingwei Liu, "Where There Are Workers, There Should Be Trade Unions": Union Organizing in the Era of Growing Informal Employment", em Sarosh Kuruvilla, Ching Kwan Lee, e Mary E. Gallagher, orgs., "From Iron Rice Bowl to Informalization: Markets, Workers, and the State in a Changing China", 2015, p. 157; Jenny Chan, Ngai Pun, e Mark Selden, "Chinese Labor Protest and Trade Unions", em Richard Maxwell, org., "The Routledge Companion to Labor and Media", 2016, p. 290-302; Anita Chan, org., "Walmart in China", 2011.

[8] "Number of Grassroots Trade Unions by Region (2016)" e "Trade Union Members in Grassroots Trade Unions by Region (2016)", 2017, p. 410-13.

[9] "Jassic Technology's corporate history (2005-present)", Jassic Technology.

---

[10] Tim Pringle, "Trade Unions in China: the Challenge of Labour Unrest", 2015, p. 162.

[11] Ver, por exemplo, Ching Kwan Lee, "Against the Law: Labor Protests in China's Rustbelt and Sunbelt", 2007; Yang Su e Xin He, "Street as Courtroom: State Accommodation of Labor Protest in South China", 2010, p. 157-84; Xi Chen, "Social Protest and Contentious Authoritarianism in China", 2012; Yanhua Deng e Kevin J. O'Brien, "Relational Repression in China: Using Social Ties to Demobilize Protesters", 2013, p. 533-52; Benjamin L. Liebman, "Legal Reform: China's Law-stability Paradox", 2014, p. 96-109.

---

[12] Chris King-chi Chan e Elaine Sio-ieng Hui, "The Development of Collective Bargaining in China: From 'Collective Bargaining by Riot' to 'Party State-led Wage Bargaining'", 2014, p. 221-42; Dave Lyddon, Xuelding Cao, Quan Meng e Jun Lu, "A Strike of 'Unorganized' Workers in a Chinese Car Factory: The Nanhai Honda Events of 2010", 2015, p. 134-52.

[13] Feng Chen e Xin Xu, "Active Judiciary": Judicial Dismantling of Workers' Collective Action in China", 2012, p. 87-107; Mary E. Gallagher, "Authoritarian Legality in China: Law, Workers, and the State", 2017.

[14] Research Committee on Labour Movements, "Scholars Demand the Shenzhen Government Release Jassic Workers Arrested for Attempting to Unionize".

[15] Action Network, "Global Call on China to Release Arrested Workers, Activists, and Students in Jassic Struggle", 2018.

[16] Ngai Pun, Yuan Shen, Yuhua Guo, Huilin Liu, Jenny Chan, e Mark Selden, "Worker-Intellectual Unity: Trans-Border Sociological Intervention in Foxconn", 2014, p. 209-22.

[17] Jenny Chan, "Shenzhen Jassic Technology: The Birth of a Worker-student Coalition in China?", 2018.

[18] Elizabeth Redden, "Cutting Ties", 2018.

Previous Artigo

Leave a Comment

O seu endereço de email não será publicado. Campos obrigatórios marcados com *

Type here..

Name* | Email* | Website

Guardar o meu nome, email e site neste navegador para a próxima vez que eu comentar.

POST COMMENT »

Rua Xapeva, 490, Conjunto 38
Bixiga, Bela Vista
São Paulo